

ENSINO DE ARTE: PROPOSTA DE RESGATE DO DESENHO INFANTIL COMO EXPRESSÃO DO MUNDO PERCEBIDO

Autor: José Roberto Gomes (1); Co-autora: Izabel Oliveira marques (2); Co- autora: Janilda Aragão Almieira; Co-autora: Luana Talita P. da Costa (3);

(1) Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, e-mail: robertogomespb@hotmail.com

(2) Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, e-mail: marquesizabel21@gmail.com

(3) Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, e-mail: ge_aragao4@gmail.com

(4) Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, e-mail: luanatalitacosta@gmail.com

Resumo: O objetivo desta discussão de caráter filosófico-pedagógico é compreender, a partir da filosofia de Merleau-Ponty, o desenho infantil como expressão do mundo percebido pela criança, sem interferência do adulto com suas visões instituídas de mundo e poder contribuir com essa pesquisa para o desenho infantil trabalhado na Educação Infantil. Pensar no resgate do desenho infantil no ensino de arte é propiciar o retorno a uma linguagem originária que encontra na percepção da criança como o mundo a afeta. Segundo Merleau-Ponty, o desenho como linguagem expressiva traduz como o visível se apresenta ao percebedor. O desenho expressa percebedor e a coisa percebida. Na linguagem operante do desenho não existe o mecanismo de virtualidade na criança, que nos faz considerar naturalmente o signo da coisa como sendo o seu significante social. O desenho infantil, objeto de discussão neste trabalho, demonstra o que é o artista, pois pintar é criar, manifestar no visível como nos relacionamos com o mundo a nossa volta. Diante do exposto nos perguntamos: como são os procedimentos didáticos na Educação Infantil no momento que se incentiva a pintura? Quais são as orientações dadas pelo PCN em arte que valoriza as diversas expressões conforme as regiões geográficas? Se considera a percepção da criança ou se orienta a partir do mundo de visão do adulto? Desse modo, resgataremos a arte não como saber geométrico e teórico, mas como criação expressiva que está na base de um desenvolvimento humano salutar valorizando as expressões culturais regionais e locais e, no nosso caso, a Amazônia.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Educação Infantil. Merleau-Ponty. Amazônia.

1. Introdução

O objetivo desta discussão de caráter filosófico-pedagógico é compreender, a partir da filosofia de Merleau-Ponty, o desenho infantil como expressão do mundo percebido pela criança, sem interferência do adulto com suas visões instituídas de mundo. Desse modo, se quer pensar no resgate do desenho infantil no ensino de arte como forma de propiciar o retorno a uma linguagem originária que se encontra na percepção da criança como o mundo que a afeta a partir do contexto amazônico. Para tanto, faremos uso do método bibliográfico das obras de Merleau-Ponty: *A prosa do mundo* e *Resumo de cursos: filosofia e linguagem na Sorbonne*; além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª) para Arte e outros textos pertinentes ao aprofundamento da questão proposta.

Para Merleau-Ponty, a arte é a via de acesso mais originário ao ser. Pois, a verdadeira arte exprime pela percepção a originalidade do que se vê, de como se é afetado pelo mundo na sua relação com ele. E esta originalidade artística encontra no desenho infantil a sua melhor expressão, como afirma Merleau-Ponty em sua obra intitulada a *Prosa do Mundo*: “é com esse postulado que começamos o exame das formas de expressão mais elípticas – que por isso mesmo são desvalorizadas – por exemplo, da expressão infantil” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 240).

O desenho infantil, para Merleau-Ponty, traduz o mundo como ele é visto pela criança porque ela tira do que vê e exprime no papel os contornos que não pretendem representar um objeto, mas como isto que ela exprime no desenho é vivido por ela. O desenho infantil revela o mundo vivido antes de ser significado, para contemplar no mundo, onde estão os seus sentidos, solo de nossos encontros com o outro. Mundo esse onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões e desejos.

Desse modo, a criança com sua natureza curiosa e perceptiva, está sempre atenta aos acontecimentos e situações que ocorrem à sua volta. Eles são percebidos, no entanto, pela consciência infantil, com intensidade e significados distintos. O desenho infantil supera o do adulto, pois exprime o que é percebido e não o que é representável. O desenho infantil tem relação com o mundo visível e com o outro, com a realidade percebida. Ao colocar-se através do desenho, a criança externa seu vínculo de relação com o mundo que ela vive no seu corpo.

Compreender que a criança exprime no seu desenho o mundo por ela percebido é a “chave” de compreensão para olhar para o desenho infantil que não pretende representar o que vê. É essa dificuldade, que segundo Merleau-Ponty, se apresenta contra o nosso tempo que desvaloriza o desenho infantil ou pretende fazer com que ele assuma os contornos representativos que desejam os adultos. Afirma Merleau-Ponty:

Somos nós que não estamos habituados a sua “chave”. [...] Mas esse fato não nos autoriza a considerar nosso modo de representação como o único válido e como o mais “próximo” da realidade percebida (cf. as tentativas das pinturas modernas). Será pois compreendido que o desenho infantil nunca será considerado uma cópia do mundo que lhe oferecido, mas um ensaio de expressão (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 214).

Essa citação retirada dos cursos na Sorbonne, em que Merleau-Ponty trata sobre a relação da linguagem e filosofia, é um breve recorte do filósofo que procura compreender o problema da linguagem. Para ele, o desenho infantil se coloca como linguagem que está na origem da nossa compreensão sobre nossa relação com o mundo. A linguagem do desenho infantil reflete a percepção da criança com seu mundo, com o outro e consigo mesmo na forma

como se expressa em seus desenhos, inclusive dando a eles significados que apenas a criança sabe.

Igualmente, o sentido do desenho é plástico: ele tem em geral uma significação “retrospectiva”. Ela pode mudar durante o percurso se o desenho parece corresponder a uma nova significação e isso sem má-fé. O desenho é uma realidade da mesma maneira que os objetos, ele existe e, já que existe, deve significar alguma coisa. Ele está de tal modo realizado em si, que a criança esquece que o desenho é sua criação, que ela se aborrece com ele, ou explica o motivo de todos os seus detalhes, mesmo as manchas fortuitas. Sua capacidade de exprimir alguma coisa por seu desenho difere igualmente da nossa; alguns traços lhe bastam para reconhecer o objeto (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 215).

Ora, essa capacidade de exprimir e de significar que a criança põe no desenho é para Merleau-Ponty um ato criacional por excelência, pois a arte não é nem a representação exata de uma realidade entendida como substrato em si perante o olhar do artista, nem a tradução fiel de uma ideia que do interior o assedia. Para Merleau-Ponty, o desenho infantil é mais além do que “imitação” do mundo, transposição de uma visão objetiva para o papel equivalente do “real”; ou o desenho como tradução de um pensamento já claro, um conteúdo interior; ao contrário, o desenho infantil é sempre “uma operação de expressão”, a partir do encontro originário da criança com o mundo no solo originário das sensações. Para Merleau-Ponty, semelhante à palavra que não se assemelha ao que designa, assim também, o desenho não é uma cópia. Afirma Merleau-Ponty: “Que não se trata de imitação prova-se pelo número de animais com cabeça; ela não quer representar um animal com sua cabeça, mas o animal que tem uma cabeça em geral, o elemento fisionômico” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 216).

Assim, a orientação dada pelo PCN para Educação Infantil para Arte, considera e valoriza as manifestações culturais que compõe os acervos de cada região, localidade até avançar para um conhecimento de arte que torne um cidadão informado. Valorizar e conhecer as culturas locais, regionais é tão importante quanto conhecer e valorizar o que se considera erudito. Mas, nos perguntamos se essa orientação do PCN para Educação Infantil para Arte tem sido seguida. Será que as nossas escolas espalhadas pelo país e especificamente da Amazônia tem dado espaço as expressões ou manifestações artísticas locais?

2. Metodologia

Para tanto, fez-se uso do método bibliográfico das obras de Merleau-Ponty: *A prosa do mundo e Resumo de cursos: filosofia e linguagem na Sorbonne*; além dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Arte e outros textos pertinentes ao aprofundamento da questão proposta. E, aplicação com as crianças entre desenho livre e orientado além de relato de professores (as) que trabalham na Educação Infantil com Artes.

3. Discussões e Resultados

O olhar da criança pretende ver o mundo lá onde ele originariamente aparece. No olhar artista da criança não há imitação estrita da natureza; o que há é sempre uma expressão, pois se trata de transpor para um único plano o que se vê em profundidade. Não há preocupação com a perspectiva geométrica em refletir fielmente a visão, como se preocupa uma longa tradição artística com esse procedimento. Segundo Merleau-Ponty, essa tradição artística de seguir os contornos geométricos, a tinta correta a ser aplicada sobre a tela permitiu o surgimento da ilusão objetivista que se instalou tão bem em nós que procuramos tornar tudo formal e com significado.

A ilusão objetivista está bem instalada em nós. Estamos convencidos de que o ato de exprimir, em sua forma normal ou fundamental, consiste, dada uma significação, em construir um sistema de signos tal que cada elemento do significado corresponda um elemento do significante, isto é, em representar (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 240).

Desse modo, o desenho infantil é uma expressão de mundo e nunca uma simples imitação ou cópia fiel porque a criança desenha conforme o modelo interior, a representação mental que possui do objeto a ser desenhado. Segundo Merleau-Ponty, a criança percebe e exprime pelos seus traços o objeto real percebido. A criança, ao desenhar, tem uma intenção realista. O realismo evolui nas diferentes fases do desenho infantil até chegar ao realismo visual, que é o realismo do adulto. Para o adulto, o desenho tem que ser idêntico ao objeto. Já para a criança, o desenho, para ser parecido com o objeto, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo invisíveis para os outros. Assim, a criança desenha de acordo com um modelo interno: a imagem que percebe do objeto que vê.

Por conseguinte, devemos admitir que para a criança o desenho é uma expressão do mundo e nunca uma simples imitação. Ainda devemos tomar o termo “expressão” em seu sentido pleno, de junção entre aquele que percebe e a coisa percebida; não confundi-lo com a fabricação de uma simples coisa. Aliás, a lei de todo desenho é exprimir as coisas e não assemelhar-se a elas. Seria tão absurdo pedir ao desenho para assemelhar-se à coisa desenhada, quanto pedir a palavra para parecer-se com a coisa designada – elas só podem significar, exprimir o mundo (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 220).

Foi guiado por estas considerações filosóficas de Merleau-Ponty sobre o desenho infantil que nos propusemos a pesquisar e analisar: como são os procedimentos didáticos no momento que se incentiva a pintura no Ensino de Arte? Se considera a percepção da criança ou se orienta a partir do mundo de visão do adulto? Quais são as orientações dadas pelo PCN em arte que valoriza as diversas expressões conforme as regiões geográficas

A pesquisa se dá primeiramente por meio de cunho bibliográfico com a análise do texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais na Educação Infantil para Arte. A ida aos Parâmetros se fez necessária, pois eles comunicam a ideia de que, ao mesmo tempo se pressupõem e se respeitam as diversidades regionais, culturais, políticas, existentes no país, se constroem referência nacionais que possam dizer quais os “pontos comuns” que caracterizam o fenômeno educativo em todas as regiões brasileiras. Segundo o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os parâmetros visam criar condições nas escolas para que se discutam formas de garantir, a toda criança ou jovem brasileiro, o acesso ao conjunto de conhecimento socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir. Sendo assim, escolha do PCN para Arte em Educação Infantil ano se justifica porque com ele pretendemos dialogar com Merleau-Ponty a partir de seus apontamentos sobre o desenho infantil para identificar como se conceitua e se propõe o trabalho com o desenho, como arte visual.

O texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Arte, é um documento que pretende ser um caminho pedagógico a ser trilhado por aqueles que trabalham com o ensino de artes. Apresenta uma breve exposição sobre o ensino de arte no Brasil e a política educacional. Depois, se procura destacar a concepção de arte tendo como foco os Parâmetros. Em seguida as habilidades e conteúdos que se espera dos alunos ao longo do seu desenvolvimento sobre arte. E, finalmente, as legislações que fundamentaram todas as mudanças sugeridas pelo documento tanto no que se refere à formação acadêmica ou inicial quanto à formação continuada e as concepções dos teóricos que as circundam.

Nos chamou a atenção, na parte histórica, a descrição da concepção de arte nas décadas de 50 e 60, o conceito de livre expressão, que direcionava o ensino de artes ao conceito atrelado à ideia de auto expressão, com valorização da criatividade livre e espontânea, enfatizando uma visão pessoal da percepção da realidade. No documento se afirma que para alguns estudiosos em artes nada poderia ser ensinado, pois ao ensinar corre-se o risco de estar interferindo no processo de criação do aluno e na sua individualidade. Os mais radicais acreditavam que se o professor não tivesse cuidado poderia induzir o aluno à criação e impedir a sua criatividade e desenvolvimento. Ora, essa concepção é compartilhada por Merleau-Ponty a partir da sua noção de expressão.

No entanto, essa prática atrelada a expressão foi modificada nas décadas seguintes por considerar, segundo relata o PCN para Arte, que resultou em ideias vagas e imprecisas no desenvolvimento criador das crianças. Afirma o PCN para Arte:

O princípio de livre expressão, enraizou-se e espalhou-se pelas escolas, acompanhado pelo “imprescindível” conceito de criatividade, [...]. No entanto, o que se desencadeou como resultado da aplicação indiscriminada de ideias vagas e imprecisas sobre a função da educação artística foi uma descaracterização progressiva da área. Tal estrutura conceitual foi perdendo o sentido [...] (BRASIL, 1998, p. 20-21).

A reflexão e a prática que se inaugurou foi de que o fenômeno artístico precisava de um conteúdo curricular. A nova tendência que se assumiu e ainda se conserva é a preocupação em oferecer a criança conteúdos que devem ser ensinados para contribuir para o desenvolvimento do aluno. Para esta tendência, do conteúdo curricular em arte, a ideia de desenvolvimento espontâneo da expressão da criança deveria ser questionado quanto a seu método. Afirma o PCN (1ª a 4ª) para Arte: “Assim, a crítica a livre expressão questionava a aprendizagem artística como consequência automática do processo de maturação da criança” (BRASIL, 1998, p. 21). Pois, para a corrente da expressão artística a criação se dá exatamente pelo encontro originário com que se percebe e se expressa. Se a criança não pode ser ela mesma no ato de criar seu desenho, onde estará o ser artístico? O que será a novidade na arte se ela for representação?

Merleau-Ponty admirou em vida um pintor que contribuiu muito para sua formação sobre a noção de expressão no ato de desenhar e pintar, Cézanne. Cézanne, tinha uma dúvida que o incomodava: por que o que ele pintava não era considerado pintura? No texto “A dúvida de Cézanne”, em que Merleau-Ponty se dedica especificamente a pintura, e em especial a pintura de Cézanne. Merleau-Ponty fala que a pintura foi seu mundo e sua maneira de existir. Pintar, para Cézanne, era um trabalho lento, laborioso e tateante, repleto de idas e vindas À tela e, por vezes, de abandono da mesma, quando não conseguia ser fiel à expressão do que via. Sua intenção ao pintar consistia na luta em encontrar os caminhos que diminuísse a distância entre a natureza e suas telas, que ele tão pouco gostava de expor.

Cézanne recusa a perspectiva geométrica, não quer uma pintura inteiramente organizada, sem deformações. Estas correspondem ao paradoxo da vida do mundo e da nossa visão sobre as coisas e sobre a própria existência. Para Merleau-Ponty, compreender Cézanne é ver Cézanne – só se vê o que se olha (OE). É a experiência sensível que nos ensina a enxergar. É o movimento do olhar que amplifica o nosso conhecimento. Desse modo, a arte não é compreendida como imitação, nem como fabricação segundo os desejos ou o bom gosto, nem como recreação, divertimento. A arte é criação que ultrapassa um conteúdo curricular. Cézanne via o mundo como criança e na sua pintura exprimia o que via.

4. Conclusões

A criança em seu desenho infantil, não pode ser imobilizada nem tolhida de exprimir o mundo que vê e que lhe afeta pela percepção. Para Merleau-Ponty, o espetáculo do desenho infantil está exatamente em ser criador, de ter brotado de uma subjetividade vivida. Afirma Merleau-Ponty:

Podemos buscar exprimir nossa relação com o mundo, não o que ele é ao olhar de uma inteligência infinita, e então o tipo canônico, normal ou “verdadeiro” da expressão deixa de ser a perspectiva planimétrica; eis-nos livres das coerções que ela impunha ao desenho, livres, por exemplo, para exprimir um cubo por seis quadrados “disjuntos” e justapostos no papel, livres para nele figurar as duas faces de um carretel e para reuni-las por uma espécie de tubo em forma de cotovelo, livres para representar o morto por transparência em seu caixão, o olhar por dois olhos separados da cabeça, livres para marcar contornos objetivos da alameda ou do rosto, e em contrapartida para indicar as bochechas por um círculo. É o que faz a criança (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 243).

No entanto, pareceu-nos no decorrer da pesquisa que o Ensino de Artes é colocada como conteúdo a ser ensinado no processo de aprendizagem dos alunos, como se encontra na citação seguinte. Pudemos notar que embora o PCN ao tratar sobre o Ensino de Artes fale em fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles, e guiados pelas reflexões de Merleau-Ponty que insiste na como ato criacional, de expressão do percebido pelo percebido foi possível perceber que ocorre distorção quando se ensina arte, pois se relaciona como produção de trabalhos manuais, enfeites em dias de festa ou datas comemorativas, como lazer, terapias, passatempo, ilustrar festas cívicas ou escolares, colorir desenhos prontos, capas de trabalhos e outros. Apesar dos Parâmetros terem contribuído para os professores mudarem o discurso e concepções, a prática pedagógica ainda conserva uma visão imediatista e utilitária da arte.

No entanto, apesar do texto fazer a afirmação acima citada sobre a função do ensinar arte, mais à frente encontramos uma outra afirmação sobre os conteúdos que o aluno do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental deve ser dado como forma de se aproximar da produção cultural de arte. Diz o texto:

Com relação aos conteúdos, orienta-se o ensino da área de modo a acolher a diversidade do repertório cultural que a criança traz para a escola, a trabalhar com os produtos da comunidade na qual a escola está inserida e também que se introduzam informações da produção social a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado (BRASIL, 1998, p. 37).

A cultura amazônica é rica em manifestações e expressões artísticas. Falar de cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais,

de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses (ribeirinhos, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens) e citadinos (populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia) de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia. Para Merleau-Ponty, como para outros pensadores como Brandão, se vive a cultura antes de buscar exprimi-la. Afirma Brandão:

Viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (BRANDÃO, 2002b, p. 24).

Viver, exprimir e conhecer a cultura amazônica para ajudar as crianças a expressarem a arte talvez seja o desafio posto aos dias de hoje, pois embora haja orientação do PCN para Arte, de autores que insistem na valorização de deixar a criança se expressar no desenho infantil a sua percepção, tudo isto entra em choque com a indústria infantil que pretende fazer da criança um adulto com elementos que não pertence a sua idade. Além, das diversas representações que procuram imprimir interesses capitalistas com discurso de que é “infantil”, a exemplo dos vídeos da Disney, dos super-heróis (super-homem, batman, hulk e outros) e da moda.

Todas essas coisas e outras aqui não citadas, se opõe a uma prática que pretende ouvir as crianças sobre o que pensam e percebem, como vivenciam seus corpos, seu tempo, seu espaço, como vivem e expressão sua arte. Mesmo com toda riqueza cultural que tem a Amazônia, se percebe a dificuldade de trazer para dentro do espaço escolar o mundo vivido pelos alunos. Muitos deles nem tem contato com tanta riqueza cultural, mas apenas com a cultura industrial infantil. E, na hora de desenhar põe no papel o representacional e não a percepção vivida. Como não seria os desenhos feitos pelas crianças depois de um contato em atividades culturais como o Boi e a dança do carimbó? Como desenhariam e veriam os amuletos do Muiraquitã (amuleto da sorte em forma de sapo)? E o que dizer da experiência de comer o beiju, a tapioca e o açaí, além de práticas cotidianas sociais como: o remar, o pescar e o fazer a farinha? Não há como descrever se não lhes for dado a possibilidade de colocar no desenho. De expressarem suas percepções pelo contato direto com o que experimentaram. Merleau-Ponty afirma:

O desenho infantil depende de um modo de comunicação diferente do nosso e é principalmente afetivo. Para a criança, há continuidade entre a coisa e a representação gráfica; ela tenta representar a coisa em si. Em um sentido, ela vai mais longe que o adulto nesse caminho. Seu desenho é ao mesmo tempo mais subjetivo e mais objetivo que o do adulto. Mais subjetivo porque ele libera-se da aparência; e mais objetivo porque tenta reproduzir a coisa tal como ela é realmente, enquanto o adulto só a representa por um único ponto de vista, o seu (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 220).

Essa citação de Merleau-Ponty, corrobora com que temos insistido: de que o desenho infantil não se reduz a representação gráfica, mas o ultrapassa procurando ir a coisa mesma que se quer desenhar. Para atingir isso, Merleau-Ponty fala da relação afetiva com o percebido, pois é esta relação de afetividade que diferenciará o desenho feito pelo adulto. Na afetividade há a comunicação que se expressa entre o percebido e o percebedor. A riqueza da cultura amazônica ganhará espaço no desenho infantil se for promovido com ela uma comunicação afetiva. A criança amazônica poderá expressar a identidade do ser amazônico se houver mais do que conhecimento, mais que do representação e houver afetação com sua cultura.

Para confirmar estes apontamentos, que Merleau-Ponty nos oferece com sua filosofia, destaco a fala da educadora “Carla” que compreende a cultura amazônica como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no seu mundo cotidiano, delineando a organização dos grupos sociais.

No trabalho educativo quando a gente fala em cultura amazônica, mesmo vivenciando-a muitos a resume somente a cultura da floresta, ao saber da floresta, e não é somente isto. [...] Não é só folclore, não é só lenda e sim, é como o homem no seu cotidiano se percebe, como ele acha soluções, para a falta da chuva, ou do período da seca. Ela é constante no nosso dia a dia, quando ele fala que “quatro horas vai chover”; essas chuvas no horário certo são da nossa cultura, comer a manga que cai do pé, isto vai permeando a nossa cultura, isto vai identificando os grupos

Na fala desta educadora, podemos observar como ela está envolvida com seu ambiente; como o ambiente faz parte dela, como a afeta. Sua percepção de mundo, precede sua palavra, como afirma Paulo Freire ((1982a, p. 22). Seu contato não é distante da realidade, mas há envolvimento, inserção com o meio. Segundo Merleau-Ponty, concordando com esta visão de Freire, afirma:

[...] Em consequência, devemos esperar nesse sentido que a percepção infantil (e mesmo a do adulto, quando ele pode despojar-se das atitudes convencionais, consiste em encontrar as coisas como estimulantes para nossa afetividade e não somente como objetos de conhecimento (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 222).

Portanto, precisamos fazer com que nossas crianças sintam, percebam para poderem serem criadores-artistas, de modo que seus desenhos falem do mundo vivido que encontra nos

contornos livres a expressão. Assim, eis o primeiro desafio: estimular a criatividade infantil de forma a evidenciar o desenho da criança na Educação Infantil, que no pensamento de Merleau-Ponty, é principalmente afetivo. Há nesta expressão gráfica, um elo, uma ligação da criança com a coisa representada. O desenho infantil exprime a afetividade antes mesmo do conhecimento, é para a criança uma expressão de mundo. O desenho representa sua relação com o outro, com o meio, tem uma realidade própria, um ato de significar o que se apresenta à sua percepção. O segundo é semelhante a este: estimular o mundo vivido da criança, especialmente no contexto amazônico a fim de valorizarmos e assumirmos uma identidade desde tenra idade. Desse modo, o desenho infantil na Educação Infantil promoverá um resgate da espontaneidade infantil pela percepção natural de como a criança vê o mundo.

Referência

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

_____. **A Educação como cultura**. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora autores Associados: Cortez, 1982a.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Pensadores e Educação).

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos: filosofia e linguagem. Trad. Constança Mendonça Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1990.